



CRESCEMOS CONSIGO

ficçõesevents

ficçõesgifts

ficçõesmídia



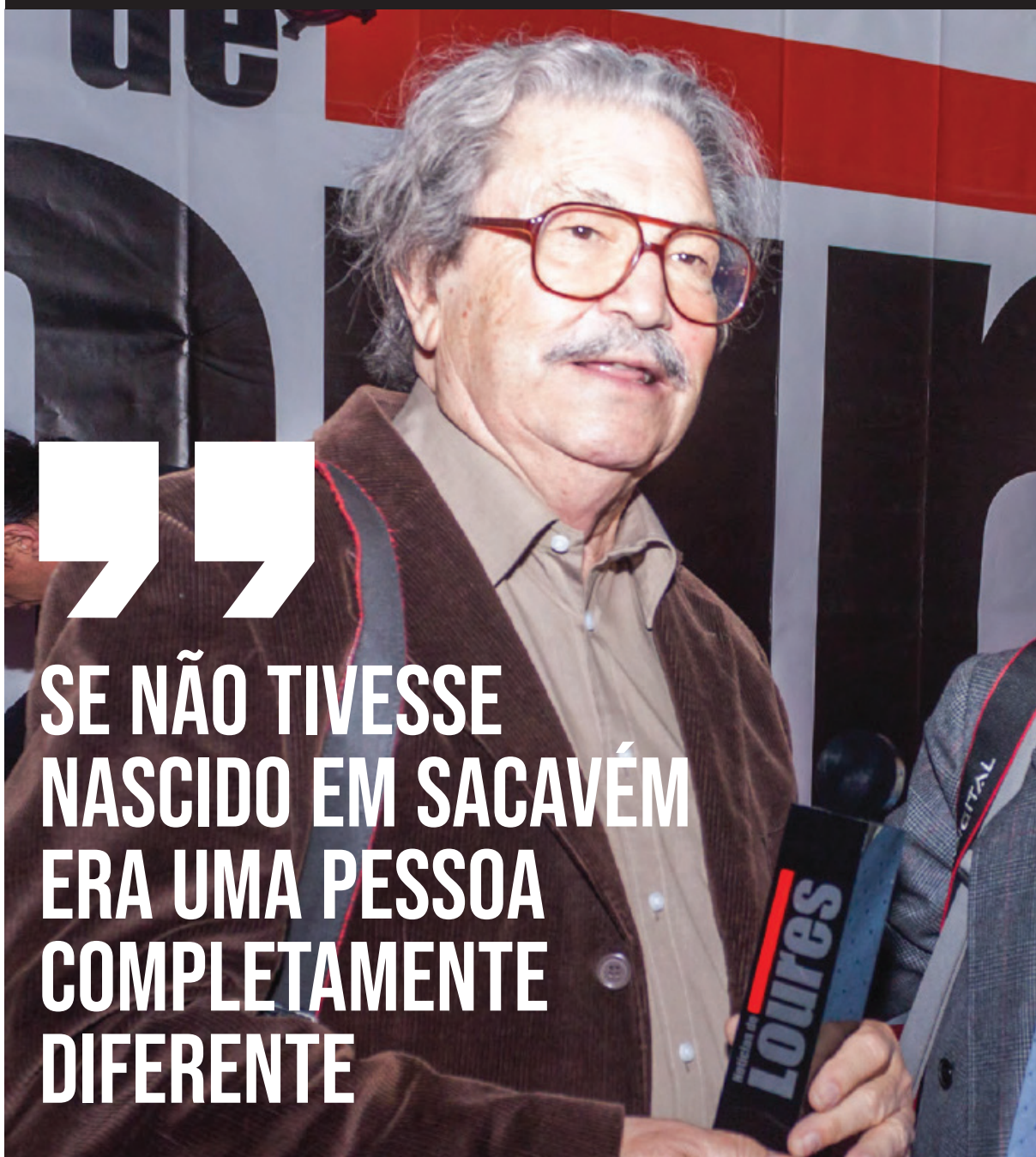
Notícias de LOURES

Distribuído no Concelho de Loures

ANO 11 | Nr. 134 MENSAL | 7 DE JUNHO DE 2025 | Diretor Fundador: Pedro Santos Pereira | Diretor: Filipe Esménio | Preço: 0,01€

ESPECIAL EDUARDO GAGEIRO

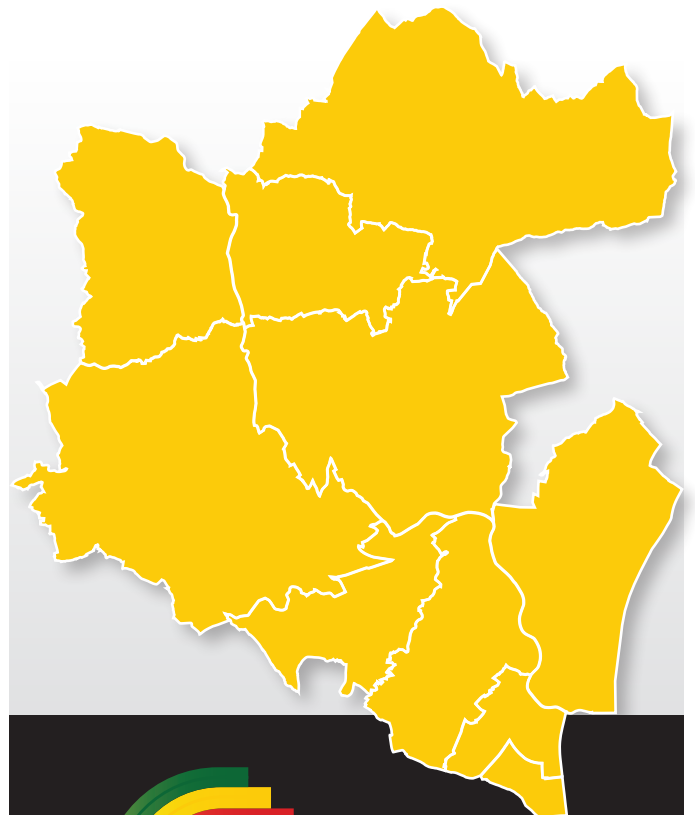
Entrevista dada pelo fotógrafo ao Notícias de Loures em Junho de 2016



SE NÃO TIVESSE
NASCIDO EM SACAVÉM
ERA UMA PESSOA
COMPLETAMENTE
DIFERENTE

Págs. 9, 10 e 11

RESULTADOS ELEITORAIS LEGISLATIVAS 2025 CONCELHO DE LOURES



ELEIÇÕES
LEGISLATIVAS
18 DE MARÇO DE 2025

Págs. 6 e 7



ZONA ÓPTICA
Cuidamos dos seus olhos

O nosso aniversário
vê-se com bons olhos.

38% CASHBACK



Filipe Esménio
Diretor

ENTRE O QUE É SÉRIO E O QUE É MESMO IMPORTANTE

Partiu Eduardo Gameiro. E com ele levou-se um pedaço da alma cultural da região. Nascido em Sacavém, Gameiro foi muito mais do que um autor ou investigador: foi uma memória viva do concelho, um guardião da identidade local. Deixou livros, deixou ideias, deixou memória. O que já não deixou — e isso lamentamos — foi o seu acervo em Loures. Rumou a Torres Vedras, e nós, que tanto valorizamos a cultura, ficámos a vê-lo partir como quem vê o último autocarro ao longe. Fica o consolo de saber que o Notícias de Loures teve o bom senso e a justiça de lhe atribuir um Prémio Carreira... em vida. Não esperámos por homenagens póstumas. Fizemos a tempo, e com gosto. Nas legislativas, Loures voltou a mostrar que tem personalidade própria. O país virou à direita, mas por cá o PS manteve-se firme. Sinal de que a estratégia de Ricardo Leão, marcada pela proximidade com os cidadãos e um estilo próprio de governação, continua a surtir efeito. No fundo, enquanto o PS nacional cambaleava, Loures dizia: “Calma, nós estamos bem, obri-

gado”. Não deixa de ser curioso — e, para alguns, até surpreendente — ver que, mesmo com maré contrária, quem tem rumo colhe resultados. Fazendo o nosso próprio mea culpa, é justo corrigir uma informação da edição anterior: Loures não tem cinco corporações de bombeiros. Tem sete. Sete verdadeiras forças vivas que apagam fogos, salvam vidas e enfrentam tempestades... às vezes até mais do que muitos ministros. São elas: Bucelas, Camarate, Fanhões, Loures, Moscavide-Portela, Sacavém e Zambujal. Todas merecem o nosso respeito, o nosso apoio e o nosso reconhecimento diário — não apenas quando o fumo se levanta. E porque rir também é preciso, deixemos uma nota mais séria: a imprensa livre — aquela que não vive de algoritmos nem de likes pagos — continua a ser uma espécie em vias de extinção. Muitos desvalorizam, outros ignoram, mas a verdade é esta: sem jornalismo local, as comunidades perdem voz, perdem espelho, perdem memória. E não há redes sociais que substituam isso.



Cristina Fialho
Chefe de Redação

JUNHO EM LOURES: MARCHAS, FESTAS E CARACÓIS (NÃO NECESSARIAMENTE POR ESTA ORDEM)

Junho chegou e, com ele, o cheiro a sardinha no ar, os manjericos à janela e aquela vontade de sair de casa “só para dar uma volta” e acabar a dançar no meio da rua. Em Loures, este mês é sinónimo de festa, e há muito para celebrar.

Marchas Populares: a estreia que promete virar tradição

Este ano, Loures entra no mapa das Marchas Populares — sim, como as de Lisboa, mas à nossa maneira. A festa começa a 14 de junho, às 21h, no Pavilhão Paz e Amizade, com a apresentação oficial das marchas das freguesias. Depois, a 21 de junho, a magia sai à rua: o desfile arranca no Largo do Mercado

e segue até ao Parque das Tinalhas. Vai haver cor, música e muito orgulho bairrista. Não vale faltar (nem criticar sem ver!).

Festas da Cidade de Sacavém: o que é bom, repete-se. De 4 a 10 de junho, Sacavém veste-se a rigor para receber música ao vivo, comes & bebes, animação (carrosséis e brincadeiras) e, claro, aquela mistura de cheiros irresistível que só as festas populares sabem fazer. O palco da festa é junto ao campo do Sport Grupo Sacavenense. Entrada livre, boa disposição obrigatória.

Festival do Caracol Saloio: o rei da festa é... molusco?

Sim, ele está de volta! De 26 de junho a 13 de julho, no Parque

Verde do LoureShopping, prepare-se para lambear os dedos (literalmente). O Festival do Caracol Saloio traz receitas para todos os gostos: do clássico ao picante, do tradicional ao gourmet. E se não gosta de caracóis? Venha na mesma — há street food, música, bancas com artesanato e aquele ambiente de verão que aquece mais do que o calor.

Moral da história?

Loures está em festa e tem um lugar reservado para si. Venha viver o que é nosso — seja ao som das marchas, no bailarico da zona ou com um palito na mão e um caracol à frente.

Junho é para celebrar, e a vida, como os caracóis, saboreia-se devagar.



Geral
geral@ficcõesmedia.pt

Editorial
cristina_fialho@ficcõesmedia.pt

Comercial
noticiasdeloures@ficcõesmedia.pt

f Notícias de Loures

www.noticias-de-loures.pt

219 456 514

Diretor Fundador: Pedro Santos Pereira **Diretor:** Filipe Esménio **Chefe de Redação:** Cristina Fialho **Gestão de Marketing e Publicidade:** Patrícia Carretas **Colaborações:** ACES, Alexandra Bordalo Gonçalves, Florbela Estêvão, Gonçalo Oliveira, Joana Leitão, Joana Roubaud, João Alexandre, João Patrocínio, João Pedro Domingues, Pedro Gaspar, Ricardo Andrade, Rui Pinheiro, Rui Rego, Vanessa Jesus **Fotografia:** João Patrocínio, Kianu Lima, Nuno Luz, Tusca Lima **Ilustrações:** Bruno Bengala **Criatividade e Imagem:** Nuno Luz **Impressão:** Grafedisport - Impressão e Artes Gráficas, SA - Estrada Consiglieri Pedroso - 2745 Barcarena **Editor:** Ficções Média - Comunicação, Conteúdos e Organização de Eventos, Lda - NIF: 505329271 **Tiragem:** 18 000 Exemplares **Periodicidade:** Mensal **Proprietário:** Filipe Esménio **CO:** 202 206 700 **Sede Social, de Redação e Edição:** Rua Júlio Dinis n.º 6, 1.º Dto. 2685-215 Portela LRS **Tel:** 21 945 65 14 **E-mail:** noticiasdeloures@ficcõesmedia.pt **Nr. de Registo ERC:** 126 489 **Depósito Legal n.º** 378575/14 **Estatuto Editorial disponível em:** www.noticias-de-loures.pt

É interdita a reprodução total ou integral de textos e imagens sob quaisquer meios e para quaisquer fins, sem autorização escrita do autor. O Jornal Notícias de Loures não se responsabiliza por qualquer alteração de informação ou cancelamento de atividades, após o fecho da edição.



SACAVÉM CELEBRA A SUA CIDADE COM UMA SEMANADE FESTA PARA TODAS AS IDADES

De 4 a 10 de junho, Sacavém volta a vestir-se de festa para celebrar mais uma edição das tradicionais Festas da Cidade. Organizadas pela União das Freguesias de Sacavém e Prior Velho, com o apoio da Câmara Municipal de Loures, as festividades decorrem na Rua da Mina de São Domingos, junto ao campo do Sport Grupo Sacavenense, e prometem uma semana repleta de animação, música e convívio popular, com entrada livre para todos. O cartaz musical deste ano aposta numa combinação entre artistas populares e momentos de humor e tributo, garantindo uma programação eclética

e dirigida a públicos de todas as idades. Entre os nomes confirmados estão Rosinha, conhecida pelos seus temas bem-dispostos e cheios de duplo sentido, a talentosa cantora Irina Barros, o humor irreverente de Rouxinol Faduncho, e ainda um tributo a Marco Paulo, que promete emocionar os fãs do cantor. Mas as Festas da Cidade de Sacavém não vivem apenas da música. O recinto contará com tasquinhas gastronómicas, carrosséis, barraquinhas de artesanato e muitas outras atrações para famílias e visitantes. São esperadas milhares de pessoas ao longo dos sete dias de festa, que se têm afirmado como um dos pontos altos do calendário

cultural da freguesia. O presidente da União de Freguesias, Carlos Gonçalves, sublinha que estas festas são “um momento importante de afirmação da identidade local, de convívio entre vizinhos e de dinamização económica para o comércio e associações da freguesia”. As festas encerram no dia 10 de junho, feriado nacional, com um ambiente de grande alegria e sentimento de pertença à cidade de Sacavém. Para mais informações e o programa completo, os interessados podem consultar o site oficial da União das Freguesias de Sacavém e Prior Velho em: uf-sacavempriorvelho.pt.



INAUGURAÇÃO

PARQUE PAPA FRANCISCO

BOADELA

27 | JUN

19:00
MISSA

20:30
ESPETÁCULO MUSICAL
A CADEIRA

Grupo de jovens da Paróquia de Loures



22:00
CONCERTO
Tony Carreira

00:00
ESPETÁCULO

Francisco,
todos juntos na casa comum
Performance pela *Companhia Artelier?*
ART by TNR

28 | JUN

9:00 » 13:00
Atividades desportivas |
Insufláveis | BTT

09:30
CAMINHADA
À Descoberta do Parque

15:00
Desfile e apresentação de agentes
culturais do concelho | Ranchos |
Bandas | Concertos | Marchas
populares



SANTA IRIA SAGRA-SE CAMPEÃO DA ÉPOCA 2024/2025

Clube do concelho de Loures conquista título da 2.ª Divisão Distrital da AFL e regressa aos patamares mais competitivos do futebol distrital. O Clube de Futebol de Santa Iria da Azóia viveu um momento histórico no final da época 2024/2025 ao sagrar-se campeão da 2.ª Divisão Distrital da Associação de Futebol de Lisboa (AFL), garantindo assim a subida à 1.ª Divisão Distrital. Um feito desportivo que encheu de orgulho a comunidade local e os adeptos do clube. A conquista foi selada com uma vitória por 1-0 frente à UDR Santa Maria, num jogo disputado no Complexo Desportivo Elias Pereira, em Sacavém. A cerimónia de consagração contou com a presença do Presidente

da Câmara Municipal de Loures, Ricardo Leão, que fez questão de entregar as medalhas aos novos campeões. Ao longo da época, o Santa Iria demonstrou grande consistência, liderando a Série 1 da 2.ª Divisão Distrital desde a 5.ª jornada e mantendo-se no topo até ao fim. A equipa somou 60 pontos, fruto do empenho, coesão e qualidade técnica demonstrados em campo. A subida de divisão foi celebrada com grande entusiasmo por jogadores, equipa técnica, dirigentes e adeptos, num ambiente de festa que se prolongou pela freguesia. O presidente da direcção do clube destacou a importância deste momento, sublinhando que “este título é o reflexo do trabalho de

todos — jogadores, técnicos, dirigentes e, claro, dos nossos adeptos. É um momento de enorme felicidade para Santa Iria.” Fundado a 15 de julho de 1941, o Clube de Futebol de Santa Iria é uma instituição de referência no concelho de Loures, tendo sido distinguido em 2008 com a Medalha Municipal de Mérito Desportivo. A subida à 1.ª Divisão Distrital representa não só um marco desportivo, mas também um estímulo renovado para o futuro do clube, que se prepara agora para enfrentar novos desafios com ambição e confiança. A época 2025/2026 será encarada com espírito competitivo e com a determinação de manter o clube nos patamares mais altos do futebol distrital.




ENTREGAS AO DOMICILIO
A partir de 30€
de compras

Vinhos e Destilados
Acessórios
Produtos gourmet

 +351 961 350 775
 lojadovinhoportela@gmail.com
 www.whynotwine.pt
 WhyNotWine


Garrafeira
Why Not Wine

**CARTÓRIO NOTARIAL
PROENÇA-A-NOVA
CÂNDIDO SÉRGIO RIBEIRO CORREIA –
Notário**

= EXTRATO PARA PUBLICAÇÃO =

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de justificação, outorgada hoje, iniciada a folhas 136 (cento e trinta e seis) do Livro de Notas para Escrituras diversas número CINQUENTA E UM-A, deste Cartório Notarial, TÂNIA ALEXANDRA JOSÉ OLIVEIRA, divorciada, natural da freguesia e concelho de Chaves, residente na Rua do Moinho, n.º 4, 1.º esquerdo, fração G, 2140-362 Ulme, Chamusca, NIF 215 417 984, declarou através de procurador, é dona e legítima possuidora com exclusão de outrem do seguinte imóvel:

FRAÇÃO AUTÓNOMA designada pela letra “A” – RÉIS DO CHÃO DIREITO, para habitação, com o V.P.T. de € 26.227,60, que faz parte do prédio URBANO, sito em Apelação, Avenida Brasília, n.º 18, na União das freguesias de Camarate, Unhos e Apelação, concelho de Loures, descrito na 2.ª Conservatória do Registo Predial de Loures com o número 218/APELAÇÃO, afeto ao regime da propriedade horizontal pela apresentação “três” do dia vinte e um de agosto de mil novecentos e noventa, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 127. Que a referida fração se acha definitivamente registada a favor de MIGUEL DA SILVA TEIXEIRA e mulher, ROSA LOPES TEIXEIRA, pela apresentação “quatro” do dia vinte e um de agosto de mil novecentos e noventa e que se encontra ainda inscrita uma penhora pela apresentação “dois mil duzentos e vinte e três” do dia vinte e oito de fevereiro de dois mil e dezanove, a favor da FAZENDA NACIONAL.

Disse ainda que a identificada fração veio à posse da sua representada, pelo mês de novembro de mil novecentos e noventa e cinco, ainda no estado de solteira, maior, por entrega material em cumprimento de acordo verbal de doação, em que foi doador, o titular inscrito, Miguel da Silva Teixeira, já no atual estado de viúvo de Rosa Lopes Teixeira, pelo que, a sua representada, não dispõe de título formal que legitime a sua posse. Não lhe sendo, por isso, possível a exibição de título formal que legitime o seu direito. Que, em consequência de tal posse, em nome próprio, pacífica, pública e contínua, adquiriu sobre o dito imóvel o direito de propriedade por USUCAPÍO, não tendo em face do modo de aquisição, documentos que lhes permitam comprovar o seu direito de propriedade perfeita. Está conforme o original.

Proença-a-Nova, 27 de maio de 2025.
O Notário, Cândido Sérgio Ribeiro Correia, conta n.º 1272/2025

ROTARY CLUB DE LOURES CELEBROU 38.º ANIVERSÁRIO

O Rotary Club de Loures assinalou o seu 38.º aniversário com um jantar festivo que decorreu no passado dia 26 de maio, na Quinta do Vale, em Santo Antão do Tojal. A iniciativa reuniu mais de 130 participantes, entre Companheiros rotários e convidados, e foi marcada por momentos de grande simbolismo e emoção.

O ponto alto da noite foi a homenagem ao Maestro António Saiote, distinguido como “Profissional do Ano” pelo clube. Natural de Loures, António Saiote é uma figura de referência no panorama musical português e internacional, reconhecido pelo seu talen-

to excecional como clarinetista e maestro. Ao longo da sua carreira, tem levado os nomes de Portugal e de Loures aos quatro cantos do mundo, contribuindo para a afirmação cultural do concelho.

Durante a cerimónia, foram também formalmente integrados três novos membros no Rotary Club de Loures – Alexandra Costa, Ana Paula Assunção e Rita Gonçalves – num momento conduzido pelo presidente do clube, João Calado, com a colaboração do Governador do Distrito Rotário 1960, Paulo Taveira de Sousa, responsável pela entrega do “pino do ano”.

Outro momento simbólico foi a apresentação oficial do Hino do

Rotary Club de Loures, da autoria do saudoso Companheiro Américo Mateus. A peça musical, interpretada pela primeira vez em público pelo Maestro João Dias, representa um feito raro entre os clubes rotários e foi recebida com grande entusiasmo pelos presentes.

O jantar contou com a presença de várias personalidades, entre as quais se destacaram o Decano dos Past-Governadores presentes, António Silva Mendes; o Governador do Distrito Rotário 1960, Paulo Taveira de Sousa; a vice-presidente da Câmara Municipal de Loures, Sónia Paixão; e o presidente da Junta



de Freguesia de Loures, António Pombinho.

Estiveram ainda representados diversos clubes rotários da região: Alfragide, Almada, Barreiro, Cascais-Estoril, Lisboa, Lisboa-Benfica, Lisboa-Centro, Lisboa-Estrela, Lisboa-Lumiar, Lisboa-Norte, Lisboa-Olivais, Mafra,

Odivelas, Portela, Satélite Oeiras-Lean e Sintra.

O evento terminou com os tradicionais parabéns e o apagar das velas do bolo comemorativo, celebrando-se os 38 anos de existência do Rotary Club de Loures com um brinde entre todos os presentes.

almoço convívio **55** **Maiores**

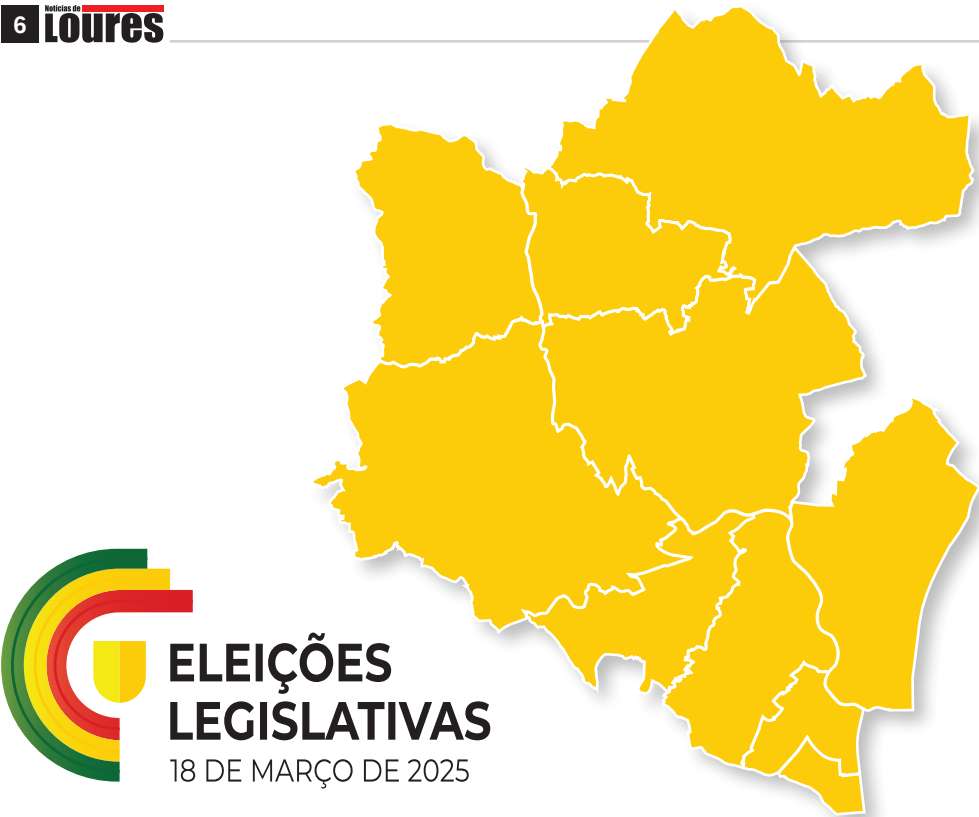


LOURES
JUNTA DE FREGUESIA

Tem 55 ou mais anos e
reside na freguesia
de Loures?

2025
setembro
10, 11 e 12

Inscrições gratuitas,
mas limitadas
de 23 de junho
a 18 de julho



RESULTADOS ELEITORAIS

CONCELHO LOURES

	%	VOTOS		%	VOTOS
	26,28	29.599		0,39	437
	24,31	27.380		0,21	232
	23,79	26.790		0,18	201
	6,23	7.012		0,17	195
	5,42	6.105		0,17	188
	4,92	5.536		0,15	166
	2,14	2.408		0,08	87
	1,85	2.078		0,07	77
	1,27	1.432		0,07	76
	1,26	1.414		1,07	1.201

CAMARATE, UNHOS E APELAÇÃO

	%	VOTOS		%	VOTOS
	34,48	5.603		0,56	91
	28,94	4.703		0,26	43
	16,50	2.681		0,19	31
	4,76	774		0,17	28
	3,18	517		0,17	27
	2,94	478		0,15	24
	2,02	328		0,12	20
	1,69	274		0,11	18
	1,54	250		0,07	11
	0,92	150		1,24	201

BUCELAS

	%	VOTOS		%	VOTOS
	27,77	740		0,49	13
	27,02	720		0,49	13
	19,47	519		0,41	13
	6,53	174		0,15	4
	5,48	146		0,15	4
	4,02	107		0,11	3
	2,48	66		0,11	3
	1,54	41		0,11	3
	1,13	30		0,08	2
	1,91	51		0,56	15

LOURES

	%	VOTOS		%	VOTOS
	27,02	4.853		0,32	57
	23,80	4.275		0,24	43
	22,51	4.043		0,19	35
	7,84	1.409		0,19	34
	5,88	1.056		0,15	27
	3,96	712		0,12	21
	2,17	389		0,08	15
	1,96	352		0,06	11
	1,30	234		0,06	10
	1,85	240		1,42	148

FANHÕES

	%	VOTOS		%	VOTOS
	30,29	491		0,56	9
	22,58	366		0,37	6
	20,17	327		0,37	6
	6,91	112		0,25	4
	5,55	90		0,12	2
	4,81	78		0,06	1
	1,79	29		0,06	1
	1,79	29		0,00	0
	1,05	17		0,00	0
	1,85	30		1,42	23

LEGISLATIVAS 2025 - CONCELHO DE LOURES

LOUSA

	%	VOTOS		%	VOTOS
	28,67	524		0,60	11
	27,24	498		0,27	5
	20,40	373		0,16	3
	5,36	98		0,16	3
	4,70	86		0,11	2
	4,21	77		0,05	1
	2,24	41		0,05	1
	1,70	31		0,00	0
	1,64	30		0,00	0
	1,85	30		1,42	23

MOSCAVIDE E PORTELA

	%	VOTOS		%	VOTOS
	33,99	4.113		0,26	31
	26,37	3.190		0,20	24
	13,12	1.587		0,13	16
	7,88	953		0,11	13
	6,95	841		0,10	12
	3,80	460		0,09	11
	2,02	244		0,07	8
	1,87	226		0,04	5
	0,93	113		0,03	4
	1,10	133		0,95	115

SACAVÉM E PRIOR VELHO

	%	VOTOS		%	VOTOS
	27,97	3.599		0,33	43
	24,70	3.178		0,21	27
	19,82	2.550		0,19	25
	7,30	939		0,13	17
	6,40	823		0,13	17
	5,39	693		0,08	10
	2,20	283		0,07	9
	1,71	220		0,06	8
	1,06	136		0,03	4
	1,26	162		0,96	123

SANTA IRIA DE AZOIA, SÃO JOÃO DA TALHA E BOBADELA

	%	VOTOS		%	VOTOS
	27,42	7.427		0,42	115
	24,23	6.564		0,23	62
	21,55	5.838		0,18	49
	5,95	1.613		0,17	45
	5,93	1.607		0,15	41
	5,54	1.500		0,14	38
	2,12	574		0,07	20
	1,85	501		0,07	20
	1,28	348		0,07	18
	1,34	364		1,27	343

SANTO ANTÃO E SÃO JULIÃO DO TOJAL

	%	VOTOS		%	VOTOS
	26,84	1.328		0,67	33
	24,01	1.188		0,24	12
	24,01	1.022		0,18	9
	7,76	384		0,18	9
	6,33	313		0,14	7
	5,13	254		0,12	6
	2,02	100		0,10	5
	1,41	70		0,10	5
	1,37	68		0,06	3
	1,46	72		1,21	60

SANTO ANTÓNIO CAVALEIROS E FRIELAS

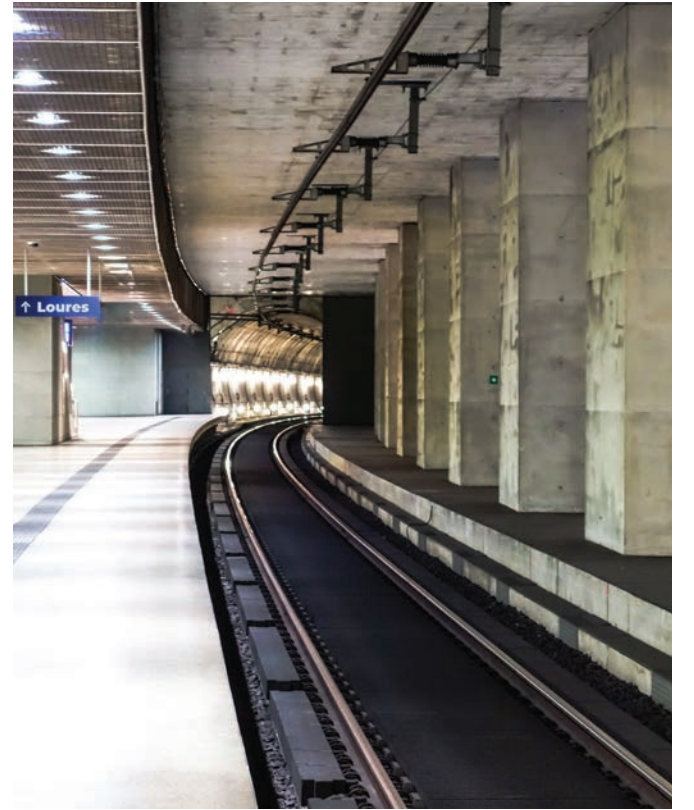
	%	VOTOS		%	VOTOS
	26,36	4.029		0,27	41
	24,35	3.722		0,27	41
	24,33	3.718		0,22	33
	6,11	934		0,20	31
	5,83	891		0,14	22
	3,49	534		0,13	20
	2,32	354		0,09	14
	2,20	336		0,07	10
	1,33	204		0,06	9
	1,22	187		1,01	154

MOTA-ENGIL CONCORRE À CONSTRUÇÃO DA LINHA VIOLETA DO METRO LIGEIRO LOURES-ODIVELAS

Nova ligação entre os concelhos de Loures e Odivelas deverá estar concluída até 2029 e conta com 17 estações, nove das quais em território lourense. A Mota-Engil, uma das maiores empresas portuguesas de engenharia e construção, apresentou formalmente uma proposta para a construção da futura Linha Violeta do Metro Ligeiro de Superfície, que ligará os concelhos de Loures e Odivelas. O projeto, lançado novamente a concurso público após a anulação do processo anterior, contempla uma infraestrutura de 11,5 quilómetros e 17 estações, sendo nove localizadas no concelho de Loures, abrangendo freguesias como Loures, Santo António dos

Cavaleiros e Frielas. A obra tem um valor base de 600 milhões de euros e inclui, além da construção da linha, o fornecimento de 12 veículos bidirecionais e a manutenção da linha e das composições durante três anos. A previsão oficial aponta para que a nova linha esteja concluída até 2029. A Linha Violeta é considerada um projeto estratégico de mobilidade para a Área Metropolitana de Lisboa, com impacto significativo no concelho de Loures. De acordo com estimativas oficiais, a nova ligação poderá transportar cerca de 9,5 milhões de passageiros no primeiro ano de operação, contribuindo para a redução do tráfego rodoviário e das emissões de CO₂. O prazo inicial para a apresentação

de propostas terminou no final de maio, mas foi prorrogado até 14 de julho, a pedido de vários consórcios interessados em participar neste projeto estruturante para a região. A candidatura da Mota-Engil a este concurso reforça a ambição da empresa em continuar a marcar presença em obras de grande escala de interesse público, mantendo o seu compromisso com o desenvolvimento de infraestruturas sustentáveis e de qualidade. A comunidade local aguarda agora com expectativa a conclusão do processo de adjudicação e o arranque de uma obra que poderá transformar a mobilidade urbana no concelho de Loures, com ganhos significativos para residentes, trabalhadores e estudantes.





Pizzeria da Linha
MASSA FINA E ESTALADIÇA

NOVA PIZZA BOLONHESA





FORNO DE LENHA

Molho de Tomate Caseiro,
Queijo Mozzarella, Carne de Vaca Picada
Azeitonas e Orégãos

ENTREGA GRATUITA*

PORTELA

RUA DOS ESCRITORES (Quiosque)

TODOS OS DIAS
12h às 22h

☎ 967 936 610

**TAKE AWAY
ESPLANADA
ENTREGA**

Zonas de Entrega:
Portela, Moscavide,
Urb. Jardins do Cristo Rei,
Parq. das Nações,
Sacavém e Olivais

* Entrega gratuita, com valor mínimo de 11.50€
De segunda a domingo das 18h às 22h



ESPECIAL EDUARDO GAGEIRO

Entrevista dada pelo fotógrafo ao Notícias de Loures em Junho de 2016



“

**SE NÃO TIVESSE
NASCIDO EM SACAVÉM
ERA UMA PESSOA
COMPLETAMENTE
DIFERENTE**

Infância

Eduardo Gageiro não esconde as raízes e faz questão de honrar o local onde nasceu «tive a sorte de ter nascido em Sacavém, se não tivesse nascido em Sacavém era uma pessoa completamente diferente». A infância foi vivida perto dos operários da Fábrica de Loiça, que frequentavam o estabelecimento do seu pai, uma Casa de Pasto, como o próprio define. As dificuldades eram muitas, muitos dos trabalhadores andavam descalços e era a mãe de Eduardo Gageiro que lhes aquecia as marmitas no seu forno de lenha. A visão era de miséria e não havia outra, mas aos 10 anos tudo se alterou. Já deitado ouviu muito barulho, levantou-se e foi ver o que se passava no estabelecimento e eis que depara com um mundo novo, homens e mulheres bem vestidos e bonitos. Assim que o pai se apercebeu da sua presença ordenou que se fosse deitar. Mas a curiosidade manteve-se e questionou, no dia seguinte, o pai sobre quem era aquela gente. Eram pessoas que vinham do Casino e do Parque Mayer, que tornavam a Casa de Pasto, do seu progenitor, bipolar, com dois tipos de clientela totalmente díspares, os da hora de almoço e os da madrugada. Esta desigualdade chocou-o levando-o a pensar «que mundo era este com uma desigualdade tão grande». Estávamos em 1945.

Entretanto fez a quarta classe e pretendia continuar os estudos, pois era um amante da leitura e, por conseguinte, do conhecimento. O Liceu era um objectivo mas o pai assim não anuiu, pois o futuro dele seria na Fábrica de Loiça, onde iria ser empregado de escritório. Apesar de não ser o seu desejo, não teve como contrariar o pai e aos 12 anos passava a ser paquete naquela empresa. Distribuía papéis de secção em secção e demorava muito mais que o necessário, pois perdia-se sucessivamente em conversas com outros operários e artistas.

QUANDO FOTOGRAFO TORNO-ME UM BICHO, ISOLO-ME



O começo da Fotografia

Foi neste ambiente que a fotografia começou a surgir, pois usava uma pequena máquina fotográfica do irmão e mostrava os resultados aos seus colegas de conversa, que achavam graça à sua vivacidade, que se traduzia também numa enorme curiosidade, querendo sempre saber tudo. Começou a receber alguns elogios e eis que surge uma pessoa determinante no seu desenvolvimento como fotógrafo, Armando Mesquita.

Depois de ver fotos suas, Armando Mesquita ordenou-lhe que passasse no seu atelier, pois precisava de aulas de arte e composição, algo do qual não percebia nada. Bem-mandado e ávido de conhecimento aceitou, começando a ter aulas. Começou a pedir máquinas fotográficas emprestadas e as películas cada vez eram melhores. Foi aí que pressionaram o

seu pai para lhe comprar uma máquina em condições.

Entretanto, começou a contactar com alguns jovens mais velhos, que frequentavam a universidade, alguns conotados politicamente, que devido à curiosidade de Eduardo Gageiro o acolheram e lhe iam oferecendo livros. Esta vontade de saber levou-o a ler centenas deles, desde os clássicos portugueses e estrangeiros aos de origem ideológica. Foi um novo mundo que se abriu, com destaque para a injustiça social, que intrinsecamente lhe criou um desejo de ser jornalista, para que, desta forma, a pudesse combater e denunciar.

O jornalismo

Foi então que Mário Ventura, fiscal da Companhia das Águas, pai do amigo Ventura Henriques e vizinho da frente, organizou em sua casa um jantar com

directores de jornais e redactores, para o qual o convidou. Foi aí que conheceu o director do Diário Ilustrado, Jorge Sampaio Rodrigues, irmão do Urbano Rodrigues, que lhe disse para no dia seguinte aparecer na redacção do Jornal e levar umas fotografias. Obviamente que foi, o que lhe causou problemas, pois o pai não estava de acordo, tendo mesmo de morar em casa de uma tia durante uns tempos.

Chegado à Redacção ficou deslumbrado, estando com a sua máquina pronto a trabalhar, enquanto aguardava com expectativa. Eis quando surge um fotógrafo que lhe pergunta quem é e o que está ali a fazer, num tom agressivo. Perante os esclarecimentos dados, que estava ali para fazer fotografias, foi-lhe destinado ir para o laboratório fazer as fotografias da pessoa em causa. Foi aí que

notou que havia alguns atrasos, desde a maneira como utilizavam o flash, até à forma como revelavam as fotografias que, na sua opinião, eram desinteressantes e que se resumiam a conferências de imprensa e à cobertura de alguns eventos. A desilusão assolou Eduardo Gageiro, que pensou em desistir e só o apoio dado pelos funcionários da parte gráfica, com quem tinha contacto, o foi mantendo. Foi assim durante quase um ano, até que certo dia lhe ligam para se dirigir à Redacção, que ficava noutro edifício e levar a máquina fotográfica. Devido à falta de fotógrafos disponíveis, naquele momento, foi encarregue de ir fotografar o Ferreira de Castro para um suplemento literário do Diário Ilustrado, que era feito por intelectuais e professores universitários. O entusiasmo criou-se e só pensava qual a melhor forma de obter uma boa fotografia. Por norma as fotografias destes eventos eram todas semelhantes, eram apenas rostos com gestos, mas sentiu que tinha de fazer algo diferente. Foi assim que deixou correr a entrevista, tirando fotografias, para depois fazer algumas propostas. Aproveitou o facto de Ferreira de Castro fumar para utilizar o fumo e chegou a fotografar apenas as mãos com um manuscrito. Era uma abordagem diferente do habitual, o que levou a que surdissem elogios do Director, que assumiu o gosto por aquele tipo de visão, passando a ser o fotógrafo oficial. Este tipo de suplemento permitiu-lhe conhecer e criar amizades com as principais referências da cultura portuguesa, como escritores, pintores e escultores. Apesar da euforia nem tudo eram rosas, pois a Censura não permitia que saísse tudo o que pretendia. Mas havia mais, o ambiente com os outros fotógrafos não era o melhor, ficando para ele os trabalhos mais complicados. Esta relação criou erosão e acabou por optar sair, indo posteriormente para o Século, que ainda não era o Século Ilustrado e só o passou a ser com a chegada do Nelson de Barros, que apostou na cul-

tura e em reportagens sobre o Povo. Numa dessas reportagens fotografou uma menina que viu na berma da estrada, estava Trás-os-Montes e parou de imediato o carro, mas como havia pouca luz, era fim de tarde e havia uma grande neblina, apenas se focou nos olhos, pois se utilizasse o flash iria estragar a fotografia. A película foi incluída na reportagem sobre esta zona do País e gerou uma carta de alguém que queria saber quem era esta criança. Foi então que o redactor que o acompanhava, o Roby Amorim que era bastante hábil, fez de tudo para descobrir quem era, enviando cartas para os párocos a fim de descobrir o paradeiro. A pessoa que tinha enviado a carta foi ao encontro da menina, que vivia com mais 10 irmãos e adoptou-a, levando-a para Luanda, onde acabou por casar com um filho seu. São situações como esta, em que as suas fotografias influenciam positivamente a vida das pessoas fotografadas, que o sensibilizam, mais que qualquer prémio. Foram excelentes momentos, onde percorreu o País todo, conhecendo-o, além de ter uma liberdade artística que lhe agradava.

A PIDE

Foi aí que tudo começou quando estava no Século Ilustrado, tinha uma colega fotógrafa, a Beatriz Ferreira, que colaborava com a PIDE. Não foi de estranhar que certo dia, às seis da manhã, o foram buscar a casa e o levaram para a Rua António Maria Cardoso. O medo acercou-se dele, apesar de conhecer alguns dos inspectores, porque Lisboa era uma aldeia e cruzavam-se todos na Brasileira, mas o susto sustentava-se no conhecimento de casos em que depois da detenção ficavam anos em cativeiro. Tinha noção de que havia motivos para ser acusado, mas nunca tinha sido apanhado em flagrante, pois tirava as fotografias das manifestações de estudantes e das cargas policiais e mudava imediatamente de rolo, sendo apenas confiscado o rolo seguinte. Mas não sabia qual



era a acusação. Estar detido foi algo que o marcou, a privação da liberdade é algo que só se sente quando se vive. Já não conseguia olhar para as grades, virando-se para a parede branca que, durante bastante tempo, sempre que olhava para uma sentia o trauma de ter estado dentro de uma cela. Quando foi interrogado, o célebre inspetor Mortágua, a quem anos mais tarde fotografou, era muito incisivo no interrogatório e era difícil não cair. Foi aí que soube que a acusação tinha a ver com

as fotografias que enviava para o estrangeiro, que davam má imagem de Portugal. Além disso era muito premiado nos países de leste, apesar de também o ser noutras nações, com menos volume, é certo. Quando o questionavam sobre o porquê de não fotografar paisagens, que tínhamos muitas e tão belas, retorquiu que gostava de pessoas e eram elas que o inspiravam. Era o caso da mulher da Nazaré, que ganhou mais de 20 medalhas de ouro, pelo mundo fora, desde a Ásia, à América

e, naturalmente na Europa, em que retratava uma senhora a puxar as redes de pesca, com idade bastante avançada, porque necessitava para sobreviver. Essa injustiça sempre o tocou. O interrogatório durou até tarde e, já de noite, veio um indivíduo, com uma máquina de barbear, que lhe entregou dizendo: «é para se barbear, não queremos que ninguém saia daqui com mau aspecto». Era o fim desta sequência. A verdade é que durante dois anos deixou de enviar fotos para o estrangeiro. Só passado muitos anos se dirigiu à Torre do Tombo para saber quem o denunciou e ficou surpreso. Alguns eram-lhe muito próximos e seus confidentes.

A ditadura

A ditadura sempre o deixou triste e frustrado. Como viajava com frequência, fruto do trabalho e, essencialmente, dos prémios que ia ganhando por esse mundo fora, tinha noção do que era a liberdade. E era esse contraste que o entristecia, pois conhecia a diferença. Vivía incomodado por não poder falar e como revoltado que é não podia ficar indiferente.

25 de Abril

O 25 de Abril foi uma data marcante para o País, como é do conhecimento geral, e estando Eduardo Gageiro no Século Ilustrado não poderia deixar de estar presente. Chegou ao Terreiro do Paço e as ruas estavam todas bloqueadas por soldados que tinham ordens expressas para não deixar passar ninguém. Entusiasmado e destemido, mas também nervoso, consciente que algo de novo se ia passar, pede para falar com o Comandante, de quem disse que era amigo pessoal, apesar de não o conhecer de lado algum. É assim que é levado até Salgueiro Maia a quem se identifica, mas a apresentação era escusada, pois a fama precedia-o e o Capitão de Abril já o conhecia, pois era leitor assíduo do Século, autorizando-o a andar sempre com ele. Foi assim que obteve as fotografias mais marcantes daquela manhã, até porque os outros fotógrafos estavam impedidos de passar e cheios de medo. Vários são os registos marcantes, como o de Salgueiro Maia a morder o lábio, que o fez para não chorar, no momento em que o Major Pato Anselmo deu ordem para abrir fogo, por três vezes, sobre Salgueiro Maia que, segundo Eduardo Gageiro, o

soldado a quem incumbia essa tarefa só não o fez porque do outro lado estava o Manuel, um amigo deste. A prisão de Pato Anselmo também ficou registada, assim como outras histórias do momento.

Fotógrafo de pessoas

É assim que se assume, um fotógrafo de pessoas e não de paisagens. Tudo começou em Sacavém, onde assistia ao drama do quotidiano e às injustiças sociais, que não se esfumaram com o 25 de Abril, pois ainda hoje são evidentes. Refere o número da Cáritas Portuguesa, que há pouco tempo referiu que dois milhões e meio de portugueses vivem no limiar da pobreza. As assimetrias sociais preocupam-no e não é uma questão política, pois assume a sua neutralidade nesta área, defendendo que não é filiado em nenhum partido político. Também o preto-e-branco o seduz, pois torna as fotografias mais reais, tensas e fortes. Quando fotografa torna-se um bicho, isola-se e não fala com ninguém. Não gosta de estar em grupo e só sai quando o evento termina, foi assim que conseguiu a célebre fotografia em que o caixão de Salazar é fechado.

Os Prémios

É o único fotógrafo Comendador, mas isso não é o mais relevante. Fala com maior ternura da exposição da Universidade de Praga ou do Museu de Arte Mundial de Pequim, onde foi distinguido com três prémios, o da secção de trabalho, o Prémio Especial do Júri e o melhor conjunto de fotografias a preto-e-branco. Concorreram 35 mil fotografias! Posteriormente foi convidado para fazer uma exposição auto-biográfica no mesmo Museu, a sua coroa de glória.

Saúde

Um linfoma nos pulmões, com muitos gânglios colocou-o entre a vida e a morte, muitas vezes mais perto da morte. Durante seis meses recorreu a um tratamento de choque e as perspectivas não eram risonhas. É nesta altura, em que a doença o afecta de forma violenta que decide ir a Pequim, para a sua exposição no Museu de Arte Mundial de Pequim. Médicos e família não o aconselham a ir, devido ao estado debilitado em que se encontra, mas decide viajar. Se morrer morre feliz e é então que fica deslumbra-do quando

chega ao Museu em Pequim e sente que valeu a pena. Durante o processo de cura começa a preparar um livro. As fotografias escolhidas são em sépia e tristes, com muito isolamento à mistura, reflectindo o seu estado psicológico. E é já no fim do livro que recebe a melhor notícia que podia ouvir naquele momento, está curado. Uma boa nova transmitida pela filha, mas que não o leva a alterar o livro, apenas a incluir três fotografias, as últimas, que são de esperança, que há luz ao fundo do túnel. A obra chama-se “Silêncios”.

Política

O tema não é o que mais simpatia lhe recolhe, porque apesar de ter vivido o antes, o próprio 25 de Abril e o depois não sente que o País esteja no caminho certo. O acesso livre à Educação e à Saúde criaram-lhe esperança, mas a esmagadora maioria dos políticos desiludem-no. Só uma pequena percentagem tenta fazer algo por Portugal, num espírito altruísta e com carisma. Os restantes são “frangos de aviário”, como o próprio define, em que os interesses pessoais são os únicos que interessam. Apesar de não estar filiado em nenhum partido, não esconde a admiração por alguns políticos, alguns amigos pessoais como o actual primeiro-ministro António Costa, que conhece desde que este tinha 10 anos. Foi amigo do pai, Orlando Costa e colega da mãe, Maria Antónia Palla, no Século, assumindo a boa formação intelectual e moral do ex-Presidente do município de Lisboa. Também Álvaro Cunhal e o economista Silva Lopes são alguns dos políticos que aprecia.

O Concelho

Desiludido com o anterior executivo e com algumas promessas não cumpridas, o que mais o magoa foi a alienação da zona do Parque das Nações afecta a Loures para Lisboa. Mas não só os políticos são os responsáveis, também as pessoas, nomeadamente os sacaveneses, são responsáveis, pela falta de interesse que têm em geral. Desde a política à cultura a participação é muito curta e isso entristece-o. Quando é chamado para intervir costuma sempre citar uma frase, de um dos muitos livros que leu, que o marcou profundamente “tu podes, assim tu queiras”.

Pedro Santos Pereira

O nosso aniversário
vê-se com bons olhos.

38% CASHBACK



António Monteiro Fernandes
CFO & Finance Advisor
Iproperties - Rede Doutor Finanças

NAVEGAR SEM RUMO - OS 5 ERROS MAIS COMUNS NAS FINANÇAS PESSOAIS

Gerir finanças pessoais pode parecer simples — receber, pagar, poupar. A verdade é que, tal como num navio, basta um pequeno furo para a água começar a entrar. Que semelhanças existem entre

uma navio com um pequeno furo e a gestão das nossas Finanças?

Eis os 5 erros mais comuns que vemos com frequência... e como evitá-los antes de dar à costa.

1. Navegar sem bússola (falta de orçamento)
Viver sem orçamento é como navegar à deriva. Sem um plano claro, qualquer despesa parece aceitável. E de “pequena em pequena” se constrói um ice-

berg financeiro. Parece pequeno à tona, mas pode ser enorme. Criar um orçamento é mais do que planejar: é assumir o leme do seu próprio navio.

2. Confundir o porto com o mar (usar crédito como rendimento)
O crédito pode ser uma boia de salvação, mas não é um salário extra. Quando se começa a usar o cartão de crédito para despesas correntes, é sinal de que o barco está a inclinar. O crédito deve ser uma ferramenta, não um estilo de vida.

3. Ignorar as fugas (despesas silenciosas)
As subscrições que já não usa, os cafés diários “inofensivos”, os seguros duplicados... São as fugas silenciosas do seu orçamento. Não afundam o barco de uma vez, mas corroem a estrutura com o tempo. Faça uma inspeção regular ao casco.

4. Investir sem mapa (não utilizar a literacia financeira)

Colocar dinheiro onde “parece render mais” sem perceber os riscos é como lançar âncora num vulcão submerso. A literacia financeira é o mapa que separa o investimento da aposta. Leia, pergunte, informe-se.

5. Esperar pela tempestade para agir (não pedir ajuda a tempo)
Muitos só procuram apoio quando já estão a remar contra a maré. Mas a prevenção é mais eficaz (e menos dolorosa) do que a salvação. Um simples ajuste hoje pode evitar um naufrágio amanhã. Na iProperties – Rede Doutor Finanças (Loja Fórum Oeiras), ajudamos a traçar rotas mais seguras e eficientes para o seu dinheiro. Com apoio gratuito e especializado, estamos ao seu lado para que a sua viagem financeira seja mais tranquila e com destino ao sucesso.

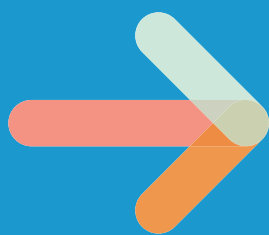
Fale connosco:
forum.oeiras@rede.doutorfinancas.pt



iProperties
Oeiras

Registo BdP:
0007781

Navegar sem rumo



Confira no artigo os **5 Erros** Mais Comuns nas **Finanças Pessoais**

Fale connosco

António Monteiro Fernandes

+351 911 780 613 | antonio.monteiro.fernandes@rede.doutorfinancas.pt





João Pedro Domingues
Professor

RECENTRAR O CAMINHO

Como é comum dizer na gíria popular, depois do jogo terminar é muito fácil fazer as devidas análises, apontando as causas do que de bem foi feito e dos erros cometidos, assim como dos eventuais responsáveis. A AD ganhou, como era expectável para muitos, apesar de ter obtido um resultado muito aquém das suas expectativas, e o PS perdeu, de forma clara, tendo um dos piores resultados de sempre. Já o Chega captou os votos de protesto de grande parte da população, assumindo-se como um partido antissistema (apesar de viver à custa do

mesmo sistema que combate), e passou a ser a segunda força política no parlamento. A razão da subida da extrema-direita portuguesa, a par da que se tem verificado por essa Europa fora, tem inúmeras causas, como de resto tem sido referido por incontáveis comentadores. O Chega subiu na votação (e de que forma), capitalizando o descontentamento da população face ao desempenho da classe política tradicional, e explorando questões sensíveis, como a imigração, a corrupção e a segurança, para só referir algumas. Levou o populismo até ao seu limite. Abordou estas temáticas com

ódio, insultando tudo e todos, provocando o medo, falou em castigos, em prisões perpétuas, em castrações químicas, e Ventura assumiu-se se como o Profeta que veio a Portugal, para resolver todos os males aqui do burgo ou quiçá da humanidade. Claro que isto só é possível, por uma quase total falência dos políticos tradicionais. E existem tantos por aí, inclusive sentados no parlamento. Quem conhece as áreas metropolitanas, sabe bem que se acumulam descontentamentos, intolerâncias, injustiças, a que não têm sido dadas respostas. E, através de uma demagogia barata, mas eficaz, o Chega tem capitalizado. Para além disso, a comunicação social, consciente ou inconscientemente, tem como que levado André Ventura ao colo, dando-lhe palco, e um protagonismo que o tem favorecido, e que mais nenhum outro líder político tem tido. Provavelmente até o episódio do refluxo esofágico (vulgo azia), de que, de resto, foi salvo, segundo parece, por ação divina, o favoreceu aos olhos de alguns eleitores menos esclarecidos e desencantados com a classe política. O PS falhou. Falhou como partido. Não por culpa de PNS, mas por eventual culpa de um passado

governativo, em que se privilegiaram os excedentes orçamentais, em detrimento de se resolver os problemas antigos de várias classes profissionais. Falhou na forma como tratou o fenómeno da imigração, que apesar de ter resolvido a carência, nomeadamente da construção civil e da agricultura, criou uma pressão desmedida e incontrolável na habitação, na saúde e na educação. Mas claro que agora é muito fácil falar. No entanto, Ricardo Leão teve razão antes de tempo (leia-se antes das legislativas), quando falou de não se enfiar a cabeça na areia, e ter de se enfrentar o populismo de frente, com firmeza, e com soluções para os problemas reais que assolam as pessoas. O eleitorado que vota no Chega não surge de geração espontânea. É, antes, o resultado de falhas nas soluções, de políticas fracassadas, de desigualdades económicas, da falta de oportunidades, da perceção de injustiças, enfim, de não se perceberem as reais necessidades da população. É preciso dar resposta aos problemas que afetam a classe média, que, como que tem sido esquecida pelos nossos governantes. Temos de reconhecer que o populismo é um fenómeno complexo e multifacetado, não existindo uma forma milagrosa de

o combater. Apesar disso, encarar o descontentamento popular e promover a transparência e a inclusão cívica, é um primeiro passo para o fortalecimento da democracia e da credibilidade da classe política. Agora, o PS tem um longo caminho pela frente, para voltar a ganhar a confiança e a credibilidade que sempre o caracterizaram, e que ficaram muito abaladas. O PS tem de conseguir captar a atenção e o voto dos jovens e voltar a ganhar a confiança dos mais velhos. Será um trabalho árduo, mas possível de se conseguir. Pela frente, tem de se concentrar nas eleições autárquicas, mostrando todo o trabalho feito e apresentando os melhores candidatos, na perspetiva de continuar a ser o maior partido autárquico e poder continuar a presidir à ANMP. Loures continua a ser um concelho de forte matriz socialista, como se comprovou nos resultados de 18 de maio. E Loures irá continuar a dar um forte sinal de que o PS está vivo, com políticas sociais ativas, com direitos e deveres iguais, com políticas inclusivas e com um forte desenvolvimento, o que, de resto, tem sido reconhecido pela população. E, agora, como diz o povo, vamos ao trabalho que se faz tarde.





ESTÁDIO DA PORTELA



CENTRO COMERCIAL DA PORTELA, Nº2 - 1º ANDAR | 219 435 201 | 916 141 090

CARTÓRIO NOTARIAL DA BATALHA
Notária: Sónia Marisa Pires Vala

Certifico, para fins de publicação, que por escritura lavrada hoje, exarada de folhas oitenta e duas a folhas oitenta e três verso, do Livro Trezentos e Trinta e Sete - B, deste Cartório.

Filipe Miguel Mendes das Neves Luis Ferreira, NIF 206 350 430, solteiro, maior, natural da freguesia de São Jorge de Arroios, concelho de Lisboa, residente na Rua Francisco Metrass, 45, Lisboa, declara que com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor de seiscientos e doze/noventa e quatro mil e oitocentos avos indivisos do prédio rústico, composto de cultura arvense com oliveiras, denominado Terra das Fontes, sito em S. João da Talha, na união de freguesias de Santa Iria da Azoia, São João da Talha e Bobadela, concelho de Loures, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Loures, sob o número seiscientos e trinta e quatro/S. João da Talha, onde se mostra registada a aquisição do referido direito a favor de Maria Ferreira Lopes e marido Manuel Luis Simões, pelas apresentações trinta e dois, de seis de março de mil novecentos e oitenta e um; e quatro, de sete de agosto de mil novecentos e noventa, inscrito na matriz cadastral sob o artigo 4 da seção B, com o correspondente valor patrimonial de €0,13; Que o justificante adquiriu o identificado direito no prédio no ano de dois mil e um, por doação verbal não reduzida a escrito dos mencionados Manuel Luis Simões e mulher Maria Ferreira Lopes, seus tios, residentes que foram em Prior Velho, Loures, ambos já falecidos, ele em um de fevereiro de dois mil e quatro e ela em vinte e três de janeiro de dois mil e vinte e três;

Que desde a data da referida doação que o justificante entrou na posse e fruição do dito direito predial, contudo tendo a transmissão que lhe deu origem sido meramente verbal, não possui de qualquer documento, que lhe permita estabelecer o trato sucessivo, para fins de registo;

Que, face ao acima descrito, e não obstante não ter qualquer titulo formal que o comprove, o justificante, está na posse e fruição do identificado direito no prédio, há mais de vinte anos, sem qualquer oposição de quem quer que seja, desde o seu início, com a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno, com o amanho da terra, recolha de frutos, conservação e defesa da propriedade, pagamento das contribuições e demais encargos, pelo que, sendo uma posse pacífica, contínua, pública e de boa fé durante aquele período de tempo, adquiriu o identificado direito no prédio por usucapião.

Batalha, vinte e oito de maio de dois mil e vinte e cinco.

A funcionária com delegação de poderes

Liliana Santana dos Santos

Liliana Santana dos Santos - 46/11

Delegação de poderes autorizada pela Notária Sónia Marisa Pires Vala, publicada na Ordem dos Notários, em 16 de janeiro de 2024 (artº 8º do Dec. Lei 26/2004 de 4 de fevereiro e artº6º da Portaria 55/2011 de 28 de janeiro).

Conta registada sob o nº 479

Com Recibo



Florbela Estêvão
Arqueóloga e museóloga

PAISAGENS E PATRIMÓNIOS

PAISAGENS CULTURAIS E PAISAGENS SONORAS

Lembrei-me, nesta crónica, de partilhar com os nossos leitores uma experiência recente que ocorreu numa iniciativa realizada no Parque Municipal Cabeço de Montachique, escutar o Coro Matinal das Aves. Provavelmente para os nossos leitores que vivem num ambiente mais rural será comum ouvirem os cantos e os chamados dos pássaros e, eventualmente, identificarem com facilidade algumas das espécies. No meu caso, como sou mais urbanita, a minha paisagem sonora está repleta de muitos outros sons, onde por vezes é até difícil auscultar as aves mais comuns. Nessa manhã, com a ajuda do biólogo João Rodrigues, os participantes foram despertados para as sonoridades das várias

aves que ao início do dia cantam simultaneamente como forma de marcar o seu território. No interior do parque, no meio do arvoredor, ativando o sentido da audição foi possível escutar algumas das aves presentes: o Verdilhão, o Chapim-carvoeiro, o Melro, a Toutinegrade-barrete, o Chapim-azul, o Estorninho-preto, a Fuinha-dos-juncos, a Milheirinha-europeia, o Tendilhão, a Carriça, o Tordovela, o Pisco-de-peito-ruivo, o Pombo-torcaz entre outros! Ora bem, uma vez que se aproximam os dias soalheiros fica feito o desafio aos nossos leitores para se levantarem cedo e procuraram lugares arborizados ou mais rurais para fazerem as suas descobertas. Há uma aplicação gratuita que podem descarregar para o vosso telemóvel

essencial para os iniciados nesta escuta, a Merlin Bird ID. Importa destacar que o conceito de paisagem cultural se generalizou nas últimas décadas, tendo sido consagrado pela Unesco em 1992, que de um modo genérico definiu as paisagens culturais como as obras conjuntas do homem e da natureza que ilustram a evolução da sociedade e dos assentamentos humanos ao longo do tempo. A Unesco dividiu as paisagens culturais em três categorias principais: (i) a mais fácil de identificar é a paisagem intencionalmente concebida e criada pelo homem, englobando as paisagens de jardins e parques criadas por razões estéticas que estão muitas vezes associadas a construções ou conjuntos religiosos; (ii) a segunda categoria é a paisagem essencialmente evolutiva que resulta de uma exigência de origem social, económica, administrativa e/ou religiosa e atingiu a sua forma atual por associação e em resposta ao seu ambiente natural, refletindo esse processo evolutivo na sua forma e na sua composição; (iii) a última categoria compreende a paisagem cultural associativa e justifica-se pela força da associação a fenómenos religiosos, artísticos ou culturais do elemento natural, mais do que por sinais culturais materiais, que podem ser insignificantes ou mesmo inexistentes.

Ora, esta aceção de paisagens é propositadamente abrangente, porque na realidade no globo terrestres não haverá lugar onde a ação humana não tenha repercussões. Como afirma o arquiteto paisagista Alexandre Cancela d'Abreu num texto intitulado Paisagem e sua dimensão cultural, "Todas as paisagens em Portugal são paisagens culturais, na medida em que foram profundamente moldadas por sucessivas gerações ao longo de muitos séculos e são objeto de perceções diferenciadas pelos indivíduos e comunidades atuais."

Enfatizo que ao utilizarmos a palavra "paisagem" estamos a usar um conceito convencional, moderno, mesmo ambíguo, que deriva de uma confusão entre dar forma a, trabalhar, moldar, como faziam os camponeses com a terra, numa vivência em que confundiam o seu corpo com os materiais e utensílios e, a visão distanciada do pintor, ou do proprietário, que olha de longe as suas propriedades e os que nelas por sua conta trabalham, numa atitude de contemplação. A consideração da paisagem

como um objeto exterior de contemplação e fruição é hoje inevitável na sociedade de consumo de massas, mas não passaria pela cabeça de um trabalhador do campo tradicional, que nunca veria qualquer parcela da terra desse modo, como algo de exterior a si próprio.

Assim, uma paisagem é o resultado de um processo histórico e em parte cumulativo, e é vivenciada e incorporada por diferentes agentes (e até pelo mesmo agente) de modos diversos, pelo que ela é, acentuado, a todos os títulos, uma realidade diversificada, complexa e polissémica. Por outras palavras, nunca nada está "parado" numa paisagem, também temos de incluir nessa mutabilidade o próprio olhar e as sensações/intelecções dos que a percorrem, a utilizam e em geral a fruem. A paisagem é um "corpo em movimento" vista a partir de "corpos em movimento" – ambos, paisagem e corpos, em permanente interação e, portanto, em mutação.

Nas várias paisagens possíveis gostaria de chamar a atenção dos nossos leitores para o conceito de paisagens sonoras. Estas são "retratos sonoros" do local onde se inserem, contam narrativas do ambiente e dos seres que o povoam, sejam plantas ou animais. Mas, também podem contar histórias sobre outros elementos não vivos, como a frescura da água a correr sobre o leito de um rio, ou os sons provenientes do interior da terra,

ou o som das ondas junto à beira-mar. Na verdade, as paisagens sonoras abrem-nos para um novo mundo de sons, ruídos e silêncios implicando outras atitudes de escuta. Podemos mesmo afirmar que a disposição para a escuta implica uma sensibilidade mais apurada, uma poética que de certo modo impele a ruturas no nosso quotidiano.

Um dos pioneiros a pensar sobre o conceito de paisagens sonoras foi o canadiano R. Murray Schafer (1933-2021), compositor e escritor prolífico, onde além da composição musical também se interessou pelo campo da ecologia acústica. Segundo ele a paisagem sonora abrange os sons que se podem ouvir num determinado contexto/ambiente, sons que podem ser naturais ou artificiais, sons esses que são nomeados de soundscape, neologismo criado por Schafer ao unir duas palavras sound e landscape, ou seja, som e paisagem. Assim, a paisagem sonora pode incluir qualquer campo de estudo acústico, sendo por isso muito abrangente, desde uma composição musical, a um programa de rádio, ou ao som do vento numa floresta. A paisagem sonora remete para a presença de sons ambientais em contextos reconhecíveis, e por isso tem a capacidade de invocar associações, memórias e a imaginação do ouvinte.

(continua na próxima crónica)



Parque Municipal do Cabeço de Montachique



CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 20º e Artº 24º ponto 2, dos Estatutos desta Associação, convoco todos os sócios para participarem na Assembleia Geral Extraordinária, que se realizará no próximo dia 26 de junho, quinta-feira, pelas 18H30, na sua sede, sita na Praceta António Francisco da Silva Penetra, em Loures, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 Análise e votação de contratação de uma linha de crédito ao investimento no Banco Caixa Económica Montepio Geral, Caixa Económica Bancária, S.A (Banco Montepio) no valor de 1.400.000,00€ (um milhão e quatrocentos mil euros) no âmbito da "Linha de crédito FEI InvestEU-Social Entrepreneurship";
- 2 Análise e votação de contratação de uma linha de crédito ao investimento no Banco Caixa Económica Montepio Geral, Caixa Económica Bancária, S.A (Banco Montepio) no montante de 1.570.000,00€ (um milhão quinhentos e setenta mil euros) mediante constituição da primeira hipoteca abrangente até 3.000.000,00€ (três milhões de euros) a favor desta Entidade sobre o equipamento social sito na Rua Avelar Brotero nº 42/Pcta António Francisco da Silva Penetra nº 6 em Loures;
- 3 Informações.

Loures, 02 de junho de 2025
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral


- José António de Carvalho Barreira -

Nota:

Art.º 21º:

1. A Assembleia Geral só poderá funcionar e deliberar, em primeira convocação, com a maioria dos Associados.
2. Se não houver número legal de Associados para funcionar em primeira convocação, a Assembleia Geral funcionará 30 minutos depois com qualquer número de Associados presentes.



Bruno Silveira
Consultor de Marketing digital

MARKETING LOCAL: PONHA O SEU NEGÓCIO NO MAPA

Durante anos, pensou-se que o marketing digital era território exclusivo das grandes empresas. Mas hoje, os negócios locais têm uma ferramenta poderosa ao seu dispor: o Google Maps. E quem a souber usar bem, ganha vantagem. A maioria das pessoas já não descobre cafés, cabeleireiros ou clínicas a passear pela rua. Descobre no telemóvel, com uma pesquisa rápida: “restaurante perto de mim” ou “terapeuta em Loures”. O que aparece no topo? Um mapa com três ou quatro sugestões — e normalmente é ali que se decide onde ir.

É por isso que a ficha de empresa no Google Maps se tornou mais importante do que muitos sites. É gratuita, mas precisa de atenção: Horários sempre atualizados (incluindo feriados e férias);

- **Fotografias reais e apelativas**
- **Avaliações dos clientes;**
- **Respostas cuidadas aos comentários;**
- **Descrição clara do que oferece.**

Negócios com boas fichas recebem mais chamadas, pedidos de direções e visitas. Isto não é magia — é marketing local bem feito.

Além disso, o Google permite agora publicar atualizações, campanhas ou eventos diretamente na ficha. Ou seja, pode informar os clientes sobre novidades sem que estes tenham de entrar no seu site. Para quem quiser ir mais longe, existem os anúncios no Google Maps, uma funcionalidade que permite destacar o seu negócio nas pesquisas locais. Para criar estes anúncios é necessário ter uma ficha no Google My Business e ativar as extensões de localização no Google Ads.

O marketing local não é sobre alcançar milhões. É sobre ser encontrado pelas pessoas certas, no momento certo — muitas vezes, que estão a poucos metros da sua porta. Em Loures, Sacavém, Camarate ou Odivelas, não precisa de mais tráfego... precisa de visibilidade local.

E tudo começa com dois cliques: abrir o Google e procurar.

A questão é: o seu negócio aparece?

Dúvidas sobre marketing digital? Envie email para bruno.silveira@sicacreative.com



Alexandra Bordalo Gonçalves
Advogada

DAS NOTÍCIAS E DO DIREITO

NUM REPENTE, PASSARAM 50 ANOS!

Sobre o quê, pergunta o leitor do Notícias.

Pois nenhum aniversário se anuncia, o do 25 de Abril foi o ano passado e nada mais ocorre.

Pois bem, há 50 anos, mais precisamente a 25 de Junho de 1975 celebrou-se a independência de Moçambique.

E cerca de 160 mil portugueses daí provindos chegaram a Portugal.

Os famosos retornados, ainda que a palavra esteja errada.

Errada porque muitos nunca tinham vindo à, até então, designada metrópole. Muitos eram a 2ª, a 3ª e a 4ª geração nascida nas terras de Gungunhana.

Errada também porque retorno é regressar onde fomos felizes, é poesia, é vontade.

E a maior parte dos regressados de Moçambique não o fez feliz, ansiando pelo regresso.

Viveram, muitos, tempos difíceis na saída. Sem segurança, a fugir da guerra e da guerrilha, sofrendo-a na pele. Na busca de contentor para trazer os seus haveres, tentando vender o que se tinha para trazer algum dinheiro ameaçado.

Ansiosos pela indefinição, temendo o futuro. Os meus Pais chegaram em Maio de 1975.

Um dia de um frio terrível e um vento cortante nas palavras da minha Mãe. Emocional imagi-

no eu, pois natural de Almendra, tendo estudado no Porto e na Guarda, o clima de Lisboa sempre seria ameno.

Sem casa, sem trabalho e sem filha, visto que apoio e conselhos familiares já me tinham levado em Janeiro de 1975, acompanhada pela minha Avó, para o Brasil, onde viviam três dos seis irmãos da minha Mãe.

A angústia terá sido o seu pensamento dominante. O meu Pai estaria sorridente, como se tudo fosse normal, forçando-se a ver sempre tudo com a lente do optimismo, esforçando-se para a alegrar e consolar.

Começaram aqui uma nova vida.

Com inevitáveis vantagens comparativas.

Foram recebidos pelas Tias da minha Mãe, em Guerreiros, freguesia e concelho de Loures.

À minha Mãe, professora, coube-lhe esperar por Outubro pelo início do ano lectivo. O meu Pai, com uma profissão de grande especificidade técnica, teve rapidamente várias vias e iniciou nas Adegas Camilo Alves, depois adquiridas pela Sociedade Central de Cervejas, onde trabalhou por muitos e bons anos. Procuraram e encontraram casa para arrendar. Foram parar a Frielas, uma aldeia rural e perdida no tempo às portas de Lisboa.

Tiveram familiares prontos e insistentes para lhes emprestar dinheiro para

o recomeço, para satisfazerem necessidades domésticas, adquirindo móveis, electrodomésticos e afins.

Da vida que deixaram vieram apenas o enxoval da minha Mãe e algumas lembranças de casamento e, ainda assim, distribuídas nos contentores de amigos.

Trouxeram memórias, amarguras, saudades e mágoas.

Deixaram amigos, liberdade e uma vida distinta da que haviam vivido antes de África e que não recuperariam.

As amizades, os encontros, as idas à praia, os picnics, as patuscadas, os fins-semana animados e agitados.

E sim, completam-se 50 anos, pouco lembrados, pouco partilhados.

Impunha-se celebrar a liberdade dos países que deixámos, analisar o descalabro da descolonização que fizemos.

Contar a história e contar as estórias.

As experiências.

As vivências.

Lamentar a falta de apoio. Saber que o stress pós-traumático também se verifica, mesmo a quem não combateu ou viu mortos à sua frente.

A maturidade que o tempo carrega, também o devia ser para o Estado, para os intelectuais e para os criadores.

Eu tomarei um gin tónico e farei um brinde ao meu Pai, aos meus Padrinhos, aos amigos que nunca mais vi e com quem brinquei na Marágra.

E sonharei fazendo planos a um regresso, afinal nunca conheci a Ilha de Moçambique, nem a Gurongosa e recordo sempre o entusiasmo nas palavras do meu Pai. Talvez volte a este tema, talvez não.

Passaram-se 50 anos.

A memória é devida.

Apetece-me uma chuinga!

DIREITO DE PREFERÊNCIA

Sabine Siebert, nos termos do artigo 1380º do Código Civil Português e do artigo 24º do Decreto-Lei n.º 384/88 de 25 de outubro, vem comunicar que possui um terreno rustico situado em Alrota, Bucelas, descrito na conservatória do Registo Predial de Loures sob o n.º 11687, Llvra N.º 38, e inscrito na matriz predial sob o artigo 123 o qual pretende vender.

O preço e condições de venda são os seguintes:

Preço: 27.000 Euros (Vinte e sete mil Euros)

Forma de pagamento: Pronto pagamento

Nos termos legais, assiste o direito de preferência na aquisição deste terreno aos proprietários confinantes. Caso tenha interesse na compra, devesse exercer o seu direito no prazo de 8 dias a contar da data desta publicação.

Sabine Siebert
sabinesiebert@gmail.com



João Calha
Consultor Informático

CONSULTÓRIO INFORMÁTICO

O FIM DO WINDOWS 10

14 de outubro de 2025 é a data oficial anunciada pela Microsoft para o fim do suporte do Windows 10.

O que significa?

Depois desta data, os computadores com Windows 10 continuarão a funcionar, mas a Microsoft deixará de fornecer:

Suporte técnico para problemas:

A Microsoft não irá fornecer mais suporte técnico para o Windows 10, o que significa que não terá ajuda da Microsoft para resolver problemas ou dúvidas.

Atualizações de recursos:

A falta de atualizações pode levar a lentidão e outros problemas técnicos.

Atualizações e correções de segurança:

O seu computador Windows 10 deixará de receber atualizações de segurança, o que o torna mais vulnerável a ameaças de segurança.

O que fazer nesta situação?

A Microsoft recomenda que os utilizadores façam o upgrade para o Windows 11. Existem algumas formas de fazer isso:

Atualizar o computador para o Windows 11:

Se o hardware do seu computador cumprir os requisitos mínimos do Windows 11, pode fazer a atualização gratuita.

Comprar um computador novo com Windows 11 e passar todos os seus documentos do antigo computador para o novo.

É importante planear bem esse upgrade para garantir que o seu computador e os seus ficheiros permaneçam seguros e funcionais.

Para ficar a saber se o seu computador atual cumpre os requisitos mínimos para fazer o upgrade do Windows 10 para o Windows 11, a Microsoft disponibiliza uma aplicação chamada PC Health Check. Pode fazer o download no site oficial da Microsoft. Se o seu computador for compatível, recomendo que faça o upgrade grátis nas atualizações automáticas, mas lembre-se sempre de fazer backup dos seus documentos fundamentais.

No caso do seu computador não ser compatível com o Windows 11, terá que optar por uma instalação de raiz do Windows 11 (irá perder todos os seus programas e configurações) ou então terá de adquirir um computador com o Windows 11.

Se tiver alguma dúvida envie um email para: pcassist1977@gmail.com



João Alexandre
Músico e Autor

NINHO DE CUCOS

TY SEGALL - POSSESSION

Ty Segall é um músico americano de 38 anos natural de Laguna Beach na Califónia.

Para além de prolífico produtor, compositor e multi-instrumentista, Ty Segall tem uma mente musical inquieta que o torna difícil de definir enquanto músico. Além do garage

punk desequilibrado com que foi conotado no início de carreira, ele tanto pode aparecer a tocar heavy metal como synth pop, folk/rock ou até percussão, caso de "Love Rudiments", o anterior disco de 2024. "Possession", o 17º álbum de originais de um artista que chega a lançar dois

por ano, consegue ainda assim ser um pouco diferente de tudo o que esse "camaleão" sonoro já fez anteriormente.

Digno de realce, é que em "Possession" tudo é feito com uma competência e confiança notáveis. Numa base acústica de guitarras, baixo e bateria na sua construção, Segall e a banda desfilam coesos e seguros, descarregando nos momentos certos a adrenalina das guitarras distorcidas, pontuadas pelos arranjos de cordas, metais, piano e backing vocals, sempre a preceito e misturadas de forma sublime.

O desfile dos 10 temas que compõem o álbum começa com "Shoplifter". Após o primeiro verso, uma seção completa de cordas irrompe sobre a música, seguida por um tilintar exuberante de piano, backing vocals ricos harmonicamente e saxofones em duelo, cantado por Ty Segall a fazer lembrar Marc Bolan,

anos 70.

Cada música ostenta múltiplos trunfos, sejam os instrumentos de sopro ao estilo Bowie na faixa-título, os riffs glam e pomposos de "Buildings", o piano elétrico soft-rock que torna "Fantastic Tomb" um deleite, ou a interação psicadélica entre cordas, teclas e guitarras em "Hotel". Soft-rock, blues-rock glam e pop cruzam caminhos de forma empolgante nestes 40 minutos de "Possession" e intencionalmente ou não, catapultam o artista para fora da sua bolha de vanguarda.

Ty Segall já fez discos grandiosos e brilhantes, já assumiu riscos dramáticos e arrasou de forma emocionante mas nunca um trabalho tão seguro e focado quanto "Possession".

É definitivamente um marco e um ponto alto da carreira de Ty Segall. Um lançamento fundamental para os amantes do verdadeiro rock & roll.



Cartório Notarial De Loures a Cargo da Notária Rosa Matos Alves

Justificação Notarial

Certifico, para efeitos de publicação, que foi lavrada neste Cartório, no dia vinte e seis de Maio de dois mil e vinte e cinco, exarada a folhas 90, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número 432 - A, uma Escritura de Justificação, no qual, MUNICÍPIO DE LOURES, pessoa colectiva de direito público número 501 294 996, com sede na Praça da Liberdade, freguesia e concelho de Loures, se arroga, com exclusão de outrem ser dona e legítima possuidora, do direito a trezentos e quinze barra vinte e quatro mil seiscentos e quarenta avos indivisos do prédio rústico, sito em Pouzio do Castelo, São Lourenço ou Alto de São Lourenço, freguesia da União das Freguesias de Santa Iria de Azoia, São João da Talha e Bobadela, concelho de Loures, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo 20 da Secção 1 B, descrito na Segunda Conservatória de Registo Predial de Loures sob o número quatrocentos e vinte e sete, da freguesia de Santa Iria de Azoia.

Que o referido direito lhes pertence por estarem ela justificante na posse dela, há mais de quarenta anos, sendo uma posse pacífica, contínua, pública e de boa fé, pelo que adquiriram o identificado direito por usucapião o que invocam para justificar o direito sobre tal imóvel para fins de registo na citada Conservatória.

Loures, 26 de Maio de 2025.
A Notária,



Rui Pinheiro
Sociólogo

FORA DO CARREIRO

QUE DEMOCRACIA ESTAMOS A FORMATAR?

Em 2026 assinalar-se-ão os 50 anos da realização das primeiras eleições autárquicas após a revolução de Abril (Dezembro de 1976). Tal referência pode parecer que não se enquadra com o calendário, contudo, justifica-se porque daqui a pouco tempo teremos de novo eleições autárquicas.

Todos terão presente, certamente, que se elege a Assembleia de Freguesia (de onde emana a Junta de Freguesia), a Câmara Municipal e a Assembleia Municipal.

As assembleias, de freguesia e municipal, são como que os par-

lamentos locais e deveriam ser os locais dedicados ao debate político dos vários projectos autárquicos, de fiscalização efectiva dos executivos e da sua acção e um espaço privilegiado de acolhimento e participação dos cidadãos na vida pública local e mesmo de formulação de propostas para o âmbito regional e nacional.

Originalmente, com a Lei 79/77 de 25 de Outubro, definia-se no seu artigo 68.º “Em cada município haverá um órgão de natureza consultiva denominado conselho municipal”, correspondendo a uma vontade de envolvimento e

participação das pessoas e organizações na vida pública. Aqueles que desconfiam da implicação da cidadania e da democracia participativa, imediatamente procuraram criar condições para acabar com os conselhos municipais e acabaram por o conseguir. Portanto, ao invés de se aperfeiçoarem os mecanismos participativos, acabaram-se com eles e, de um modo geral, há uma tentativa deliberada de desvalorização de todos os mecanismos de participação directa, dos eleitores, na vida política. Há, na actual classe política, independentemente do que diz, uma pulsão irrefreável de

mediar, interpretar, condicionar, conduzir e manipular os processos de decisão.

Em Loures, a Assembleia Municipal tem perdido, eleição após eleição, vontade, interesse e diligência em se aproximar das pessoas e dos problemas do quotidiano, refugiando-se no Palácio, em debates serôdios, às vezes nada esclarecidos e algumas vezes ainda menos edificantes, com protagonistas de convicta ignorância mas com forte apetência para se ouvirem a si próprios e fraca disponibilidade para ouvir outros.

Bem sabemos que a função

de “deputado municipal” não é exercida a tempo inteiro e remunerada, mas também não se ignora que nos últimos anos foram concedidos “gabinetes de apoio” para ajudar os eleitos na sua missão e são pagas senhas de presença, quer nas reuniões do órgão, quer nas reuniões das suas comissões. Ou seja, quem se deixa eleger, tem actualmente muito melhores condições de exercer o seu mandato do que com a Lei de 1977.

Porque se continuam a afastar das pessoas e dos problemas é o que se pergunta. 50 anos depois.

1317 DIAS e 31608 HORAS sem

- ▶ A LIGAÇÃO DO METROPOLITANO A LOURES E SACAVÉM
- ▶ A LIGAÇÃO DIRECTA DE SACAVÉM À SEGUNDA CIRCULAR
- ▶ A LIGAÇÃO VIÁRIA VARIANTE A BUCELAS
- ▶ A REQUALIFICAÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA DO TEJO
- ▶ CONSTRUÇÃO DE UM EQUIPAMENTO CULTURAL DE REFERÊNCIA NACIONAL METROPOLITANO
- ▶ O SISTEMA INTELIGENTE DE CONTENTORES SUBTERRÂNEOS



AGÊNCIA FUNERÁRIA LOURES

**FUNERAIS • TRASLADAÇÕES
CREMAÇÕES • ARTIGOS RELIGIOSOS**



219 830 665 • 919 317 250

Rua da República, 63 - A - Loures
geral@funerariadeloures.pt
www.funerariadeloures.pt

CARTÓRIO NOTARIAL DA SETÚBAL

Sandra Bolhão

Eu, SANDRA MORAIS TELES BOLHÃO, Notária com Cartório em Setúbal, na Avenida Bento Gonçalves, número 19-B, CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por Escritura de Justificação lavrada neste Cartório no dia três de Junho de dois mil e vinte e cinco, a folhas cinquenta e três e seguintes, do Livro número Duzentos e oitenta e nove-A, MARIA AMÉLIA FONSECA DOS SANTOS PELIXO, viúva, residente na Rua Cidade de Santarém, número 73 - A, Fêmão Ferro, Seixal, DECLAROU, que com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora do PRÉDIO URBANO, com a área total de cento e sessenta e dois metros quadrados e área coberta ATUAL de cinquenta e nove vírgula sessenta metros quadrados, composto ATUALMENTE por edifício de rés-do-chão, destinado a comércio e logradouro, a confrontar a norte com José Lopes Gonçalves, a sul com Armando dos Santos Guedelha, a nascente com António da Silva Tavares e a poente, ATUALMENTE com Rua Pangim, sito na Rua Pangim, freguesia do Prior Velho, concelho de Loures, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Loures sob o número QUATROCENTOS E SEIS, da referida freguesia, inscrito na matriz predial urbana sob o artigo 2589, da União das Freguesias de Sacavém e Prior Velho (que proveio da anexação dos artigos urbanos 328 e 88, da mesma freguesia, que por sua vez provieram, respetivamente, dos artigos urbanos 335 e 79, ambos da extinta freguesia do Prior Velho).

- Que, o prédio ora justificado pertencera aos avós paternos da justificante, Manuel Simões Ferreira e Maria de Almeida que também usou Maria Rosa de Almeida, casados sob o regime da comunhão geral de bens. Que, os referidos Manuel Simões Ferreira e mulher faleceram, ele a vinte e quatro de Julho de mil, novecentos e oitenta e nove, e ela a dezasseis de Abril de mil, novecentos e oitenta e cinco. Em dia e mês que não consegue precisar, mas no decurso do ano de mil, novecentos e oitenta e nove, seus herdeiros acordaram uma partilha meramente verbal, tendo a totalidade do imóvel sido adjudicado aos pais da justificante, Manuel Ferreira dos Santos e mulher Aurora Pinto Fonseca dos Santos, casados sob o regime da comunhão geral de bens.

- Que, em dia e mês que não consegue precisar, no decurso do ano de dois mil e três, os referidos Manuel Ferreira dos Santos e mulher Aurora Pinto Fonseca dos Santos, doaram a sua filha Maria Amélia Fonseca dos Santos Pelixo, já no atual estado de viúva, a totalidade do prédio ora usucapido, tendo a referida doação revestido também forma meramente verbal.

- Que atendendo a que a duração da sua posse, há mais de vinte anos, se tem mantido continuamente e de forma ininterrupta, já adquiriu o referido prédio, por USUCAPÍPIO, invocando, por isso, esta forma originária de aquisição, para todos os efeitos legais.

ESTÁ CONFORME.

Setúbal, aos três de Junho de dois mil e vinte e cinco.

A Notária



João Patrocínio
foodblogger @gastrono.minhas

GASTRONO.MINHAS

O RELÓGIO

O Bairro de Santo António dos Cavaleiros nasceu nos finais da Década de 60, às portas de Lisboa com uma arquitectura de referência da autoria de conceituados arquitetos como Ressano Garcia, Reaes Pinto e Gonçalo Ribeiro Telles. O Seu conceito para além da renda económica era proporcionar uma cidade jardim, com uma construção num conceito inovador para a época.

De entre os vários elementos Urbanísticos deste bairro, cedo se destacou a sua entrada com um majestoso lago e uma grande esplanada sobre a mesmo, na Praça Dom Miguel I, onde se situava o então centro comercial ao ar livre do bairro, com um imponente relógio para marcar os tempos dos seus habitantes. Ora, volvidos que são 56 anos, quis o destino que esse relógio viesse marcar a vida de Nuno Soares e assinalar que chegou a sua hora. A hora de se afirmar com o seu próprio estabelecimento, depois de vários anos e vasta experiência adquirida nas melhores casas de referência do Concelho de Loures.

Aqui, o Nuno encontrou finalmente aquilo que tanto ambicionava. Um espaço onde pudesse incutir a sua marca e conceito próprios que tão bem soube trabalhar nas melhores casas por onde passou.

Arranca de forma sustentada e com a humildade que lhe é característica num espaço modesto, mas ajustado ao seu negócio.

Aqui abriu assim há cerca de 1 mês o seu “Relógio”. Começa com o conceito de

menus variáveis durante a semana aos almoços, sempre com uma opção de peixe e de carne e a preços mais acessíveis. Durante os jantares e aos sábados pratica os preços de carta.

Para quem conhece o Nuno sabe o amor que coloca em tudo aquilo que faz e que privilegia sempre a melhor qualidade dos seus produtos. Por isso não é difícil encontrar a qualidade das carnes das melhores proveniências e por enquanto ainda em menor quantidade os melhores peixes entre o polvo, o bacalhau ou a garoupa.

Com apenas um mês de atividade já vais destacando como especialidades o caril de camarão com ananás, o linguine negro de camarão, o Arroz de tamboril ou a Vitela a baixa temperatura.

Neste dia, não resisti a provar umas fresquíssimas ostras ao natural, antes de me deliciar com um delicioso pernil de porco, que estava no melhor ponto. Fechei a refeição com um dos melhores bolos de bolacha caseiros que provei nos últimos tempos, desenhado e com um fresco sabor a café a quebrar o doce.

De resto, o estabelecimento conta também com uma agradável esplanada para a Praça, onde a partir de agora poderá a servir os petiscos de época que tão bem sabe preparar no final da tardes de verão.

O Nuno é uma simpatia e um extremoso profissional de Hotelaria que sabe muito bem receber e por isso merece a uma visita ao seu próprio espaço onde agora que aqui ganhou asas!





Nuno Paulino
Dramaturgo Urbano

UMA IDEIA SALÀ RUA

GAGEIRO ESTEVE AQUI!!! OBRIGADO



Ricardo Andrade
Comissário de Bordo

VOLTAR AOS VELHOS TEMPOS!

Eleições atrás de eleições. Sondagens a subir e a descer vertiginosamente. Notícias a correr atrás de audiências. “Tracking polls” a

falhar mais do que uma vez. Promessas e mais promessas. “Soundbytes” ao invés de propostas fundamentadas. Lutas de números para evitar debates de ideias. Planos mirabolantes vendidos como se fossem projectos credíveis. Política de “reality show” ao invés da “real politik”. Alimentar de ódios para fazer subir votações. Retrocessos civilizacionais mascarados da cura para todos os males. Tudo isto e muito mais poderia resumir os últimos meses na política nacional e internacional. Tudo isto enquanto assistimos calados sem mostrarmos o que queremos e o que valemos. Tudo isto sem que consigamos mudar o nosso destino. Olhamos para o acessório e pensamos que é o essencial. Convencemo-nos de que não temos a força que verdadeiramente temos. Acreditamos que somos cordeiros e não lobos.

É como se caíssemos num ciclo vicioso sem que tentássemos sair dele. Ouvimos discutir o sexo dos anjos como se nos preocupássemos com isso e não gritamos bem alto que não queremos saber da poeira que nos atiram para os olhos. Mas a verdade é que cabe a nós, ao eleitor, mudar as coisas. Cabe-nos vencer a tentação fácil de cair na revolta vazia e voltar ao essencial. Sim, podemos mudar o estado das coisas. Sim, podemos abalar o sistema mas não da forma que quem nos tenta manipular mais deseja. Sim, podemos olhar para os tempos em que acreditávamos em algo e essa confiança não era defraudada. Não, não estamos destinados a sermos enganados. Não, não temos que sair sempre a perder.

E agora, mais do que nunca, não podemos ficar em casa. E agora, mais do que nunca, temos de ser nós aproveitar a oportunidade que nos é dada para escolher os melhores e não aqueles que falam mais bonito ou que gritam mais alto. E agora, mais do que nunca, temos que voltar a acreditar nas instituições e a saltarmos em sua defesa. Os bons ainda existem. Os confiáveis não são uma espécie em vias de extinção. E estar de fora não é o caminho para quem tem o maior poder de todos. Por isso temos mesmo que vencer a inércia e voltar aos tempos em que ler os programas era essencial para tomar uma decisão, em que saber em quem votamos era importante, em que os escolhidos tinham que ser merecedores dos nossos princípios e dos nossos ideais. Assim, os bons velhos tempos podem voltar.



José Luís Nunes Martins
Investigador

JOELHOS DE MENINA FELIZ

O vento que apaga a vela é o mesmo que multiplica o fogo. Face a uma desgraça, a alma pequena sucumbe enquanto a maior se fortalece. Devemos compreender que as adversidades nos podem fazer mais fortes, desde que saibamos usá-las a nosso favor. Importa que nos concentremos na nossa capacidade de as combater. A vida é um dom divino. O sentido da vida começa por ser vivê-la. Aceitar a vida tal como ela é leva-nos à paz de onde nasce a felicidade. A dor é um estranho sinal de vida. É um aviso claro e preciso do lugar para onde nos devemos dirigir a fim de enfrentar a próxima batalha nesta guerra que é a conquista da felicidade. Quem cai e se magoa, deve levantar-se e ficar feliz pela força que há em si e que lhe permite erguer-se, apesar de tudo. Quem seríamos nós se nunca tivéssemos caído? Se não trouxéssemos connosco as marcas das desgraças a que fomos sujeitos? Só uma mãe ou um pai sabe que os joelhos cheios de marcas dos seus filhos são, de facto, sinais de alegria, lições de vida e sementes de felicidade. E quanto mais alto quisermos ir, mais expostos estaremos à força dos ventos que nos testam as convicções; maiores as quedas, maiores as cicatrizes – maiores as nossas almas. Há quem julgue que as der-

rotas apenas nos destroem. Outros compreendem que, passado algum tempo, qualquer tragédia pode ser a base de um aperfeiçoamento que não poderia realizar-se de outra forma. Ninguém conhece melhor um caminho do que aquele que o percorre com os pés descalços. Talvez seja bom voltarmos a ser como éramos na nossa infância, antes de sabermos muitas palavras e de nos preocuparmos com o amanhã. Quando éramos mais puros, mais amorosos, mais alegres e mais felizes... Quando ainda não sabíamos viver como agora: desta forma tão prudente, controlada – e tão infeliz, por ser tão contida.

Cartório Notarial a cargo da Notária Marília Susana Luzio Rodrigues Paiva, sito na Rua João Carlos Nunes, número um, loja, em Póvoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira.

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de nove de Maio de dois mil e vinte e cinco, lavrada com início a folhas oito, do respectivo livro de notas para escrituras diversas número cento e cinquenta e um-G, neste Cartório Notarial, a cargo da referida notária, compareceu:

Sónia Alexandra Alves Marques, NIF 217 205 631, viúva, natural de Lisboa, freguesia de São Sebastião da Pedreira, residente na Rua Serra d'Água, sem número, Quinta do Sol, Manjoeira, Santo Antão do Tojal, concelho de Loures.

E DISSE:

Que, é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel:

Prédio rústico com a área de dez mil oitocentos e setenta e seis vírgula quarenta e oito metros quadrados, composto por parcela de terreno para fins horticolas, denominado Serra d'Água, sito em Santo Antão do Tojal, concelho de Loures, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 65, da secção 1B, da União das Freguesias de Santo Antão e São Julião do Tojal (anterior artigo 65 da secção B da freguesia de Santo Antão do Tojal - extinta), com o valor patrimonial para efeitos de IMI de 157,97 euros, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Loures sob o número mil novecentos e sessenta e sete, da freguesia de Santo Antão do Tojal.

Que, o justificante atribuiu ao referido prédio rústico, para efeitos deste acto, o valor de noventa euros.

Que, o prédio encontra-se descrito na referida Conservatória do Registo Predial sob o mencionado número mil novecentos e sessenta e sete, da freguesia de Santo Antão do Tojal, com a aquisição do registada a favor de Casimiro Alves e mulher, Ondina dos Reis, casados sob o regime de comunhão geral, com residência conhecida na Quinta de José Duarte, nº 15, Camarate, concelho de Loures, pela inscrição, Apresentação sessenta e um de três de Maio de dois mil e dois.

Que, o referido prédio foi adquirido, pela justificante, por doação verbal que lhe foi feita pelos referidos titulares inscritos, Casimiro Alves e Ondina dos Reis, seus avós maternos, em Dezembro do ano de dois mil e quatro, em dia que não sabe precisar, doação essa que nunca foi reduzida a Escritura Pública pelo que, ela, justificante, não tem título bastante que legitime o direito que adquiriu sobre o referido prédio.

Que, em consequência dessa doação verbal que se efectuou no ano de dois mil e quatro, data em que se operou a tradição material do mencionado prédio rústico, a justificante sempre esteve e está na posse e fruição do referido imóvel, possuindo-o como se dona fosse, usufruindo de todos os seus frutos e rendimentos, amanhando a terra, cuidando da sua conservação e limpeza, ocupando o respectivo terreno à vista de todos e pagando pontualmente os respectivos impostos e contribuições, suportando todos os seus encargos, agindo com plena convicção de ser proprietária daquele prédio rústico.

Que, esta posse foi sendo exercida sem interrupção, de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao direito de propriedade, pelo que adquiriu o identificado prédio rústico supra identificado por usucapião.

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua, de boa-fé e em nome próprio, desde o referido ano de dois mil e quatro, conduziu à aquisição, pela justificante, do mencionado imóvel por usucapião, que invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de registo.

Está conforme o original.

Cartório Notarial a cargo da Notária Marília Susana Luzio Rodrigues Paiva, em Póvoa de Santa Iria, Vila Franca de Xira, aos nove de Maio de dois mil e vinte e cinco.

Conta registada sob o número PB01203/2025.
A Notária, Marília Susana Luzio Rodrigues Paiva.

**O nosso aniversário
vê-se com bons olhos.**



Campanha válida até 31/05/2025 excepto
para lentes de contacto, líquidos e colírios.

Condições da campanha:

zonaoptica.pt



ZONA ÓPTICA
Cuidamos dos seus olhos